

FIRJAN

PETRÓLEO

ANO I • 001 • OUTUBRO DE 2017

Sistema
FIRJAN

FIRJAN
CIBJ
SENAI
SENAI
TEL
SISTEMA FIRJAN

INFORMA,
FORMA,
TRANSFORMA.

MERCADO E REGULAÇÃO PARA PETRÓLEO E GÁS

pág. 6

ENTREVISTA

PERSPECTIVAS
DO PRÉ-SAL
BRASILEIRO

pág. 3

MERCADO

DIVERSIFICAÇÃO
PARA IMPULSIONAR
O GÁS NATURAL

pág. 4

INOVAÇÃO

RECURSOS DE
P,D&I PARA A
INDÚSTRIA

pág. 10

MERCADO

DOWNSTREAM:
POTENCIAL
PARA CRESCER

pág. 11

NEGÓCIOS

OPORTUNIDADES
NOS CAMPOS
MADUROS

pág. 12

NOVOS HORIZONTES

PARA O MERCADO DE PETRÓLEO

O mundo está mudando em uma velocidade impressionante. E o Brasil, em especial, vem desenvolvendo iniciativas e ações em prol da melhoria do ambiente de negócios.

Avançamos na pauta econômica com a aprovação do teto de gastos e a reforma trabalhista. Mas para ampliar a competitividade do país é necessário ainda mais, aprovando também as reformas da previdência e tributária. Com isso, tornaremos sustentável a retomada do crescimento econômico e daremos condições para o maior desenvolvimento de nossa indústria.

No mercado de petróleo e gás, as expectativas são otimistas. O preço do barril exibe uma recuperação cada vez mais saudável e promissora.

As novidades no cenário fiscal, com a desejada extensão do Repetro e a perspectiva de edição de uma Medida Provisória, possibilitarão ampliar os benefícios para os fornecedores. As esperadas Rodadas de Licitação, que acontecem ainda este ano, têm tudo para resultarem em sucesso.

Mas, a exemplo do Brasil, são necessárias iniciativas adicionais da maior importância.

Uma delas é a regulamentação da isenção do cumprimento de Conteúdo Local, o *waiver*. Isso requer toda a atenção para não impedir a

participação da indústria nacional e não travar o desenvolvimento do país.

O mercado de petróleo representa mais de 30% do PIB fluminense. Portanto, nada mais natural que caiba ao estado do Rio a oportunidade de liderar a retomada desse segmento.

Vivemos um momento de retomada, de reconstrução. E também de desenvolver novos modelos de negócios e parcerias, de usar nossa criatividade produtiva ao máximo. Tudo pela recuperação de uma indústria que tem seu coração no Rio.

Precisamos transformar em realidade o que hoje é potencial – e dos mais altos, quando falamos do nosso pré-sal. Precisamos aproveitar a história da indústria do Rio, sua diversidade de porte e complexidade, para desenvolver parcerias frutíferas e participar dos distintos ambientes de produção que existem – terra, águas rasas, profundas e ultraprofundas.

Temos competência técnica e capacidade instalada que merecem ser aproveitadas. Continuar avançando nas pautas de desenvolvimento do ambiente de negócios é nosso motivador. É com essa premissa que o Sistema FIRJAN continuará a atuar, em conjunto com todos os agentes de mercado, contribuindo para que os desafios sejam superados e alcancemos a tão desejada recuperação do mercado de petróleo.

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira

Presidente do Sistema FIRJAN



•••••
ENTREVISTA

PERSPECTIVAS DO PRÉ-SAL BRASILEIRO

O pré-sal, uma das mais importantes descobertas do mercado de P&G do Brasil, continua atrativo. A importância desse polígono foi analisada pelo presidente da Pré-Sal Petróleo S.A. (PPSA), **Ibsen Flores Lima**. Para ele, o cenário é positivo para se continuar investindo.

Qual é a importância do pré-sal para a produção brasileira?

O polígono do pré-sal está entre as mais importantes descobertas de petróleo e gás natural dos últimos anos. Com ele, aumentamos significativamente a produção no Brasil, remetendo à possibilidade de retomada de crescimento da economia brasileira. Hoje, responde por 48,2% da produção de petróleo operada no país. Na Bacia de Santos, o volume produzido por poço, em torno de 21 mil barris de petróleo por dia, está muito acima da média da indústria. Dos dez poços com maior produção no país, nove estão localizados nessa área. Para se ter uma ideia do seu potencial, a produção diária no pré-sal passou da média de 41 mil barris por dia, em 2010, para 1,29 milhão de barris/dia em julho de 2017, segundo a ANP. Além disso, apresenta vantagem comparativa natural por conta da sua elevada produtividade dos poços, decorrente da alta qualidade dos reservatórios carbonáticos, extensas zonas produtoras de grande espessura e baixo risco exploratório. Isso resulta em menor investimento por unidade de volume recuperado.

Qual é o papel da PPSA na gestão dos contratos de partilha?

A PPSA é responsável pela gestão dos contratos de partilha. Nosso conhecimento e capacidade de gestão

é o que garantirá à União os melhores resultados na exploração e produção do pré-sal. A empresa preside o Comitê Operacional, assim como monitora e audita a execução, as despesas operacionais e os custos de capital dos projetos de exploração, avaliação, desenvolvimento da produção e a produção em si. As despesas para recuperação do custo em óleo devem ser aprovadas pela empresa, que ainda realiza as análises técnicas e econômicas dos planos e programas a serem executados pelo consórcio. É importante ressaltar que atuamos em colaboração constante para a tomada das melhores decisões, visto que uma das nossas maiores obrigações legais é maximizar os resultados econômicos do projeto. Esse também é o objetivo final de todos os consorciados; ou seja, todos remamos em uma mesma direção.

Quais são as expectativas de prazos e demandas para o setor industrial?

O cenário é muito positivo e há boas perspectivas em relação ao pré-sal brasileiro. Fizemos importantes avanços na agenda regulatória e temos um calendário de leilões estabelecido até 2019, com mais nove rodadas previstas, o que deve oxigenar o mercado. Tudo isso somado ao respeito a contratos e a um regime fiscal atrativo.



● ● ● ● ●
MERCADO

DIVERSIFICAÇÃO PARA IMPULSIONAR O MERCADO DE GÁS NATURAL NO PAÍS

4

Novas iniciativas governamentais e abertura a investidores privados deverão gerar mais dinamismo para o mercado de gás natural no país. Uma das mudanças que deve movimentar o segmento é a aprovação de um novo marco legal, fruto das sugestões recolhidas no âmbito do programa Gás Para Crescer, do Ministério de Minas e Energia (MME). Entre as propostas já em andamento no Congresso Nacional está o Projeto de Lei (PL) nº 6407/13, de autoria do deputado federal Antonio Carlos Mendes Thame (PV-SP), que busca aumentar a competitividade dessa indústria.

De acordo com Giovani Vitória Machado, superintendente de Gás Natural e Biocombustíveis da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), a criação de um sistema integrado de transporte é uma das alterações mais significativas que o novo arcabouço regulatório deve trazer. “A nova lei irá criar a figura do sistema integrado de transporte, num modelo de entrada e saída, que reduz bastante o custo e aumenta a eficiência para transação de gás”, disse.

Machado ressalta que há mudanças concretas em curso, como o processo de privatização de distribuidoras de gás nos estados, o que poderá levar a uma maior multiplicidade de atores. O superintendente da EPE pontua que, em conjunto com a ampliação de investidores, também deverá ocorrer um aumento da oferta de gás natural no país nos próximos dez

anos. Com oferta de 43 milhões de m³/dia em 2017, a malha integrada deverá aumentar a capacidade para aproximadamente 59 milhões de m³/dia em 2026. “Projetamos um crescimento da oferta nacional, mas com queda da importação do gás da Bolívia”, afirmou.

Para Fátima Ferreira, diretora de Economia e Estatística da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), as perspectivas para o segmento são positivas, mas é importante que o marco regulatório em construção contemple regras de mercado para que haja uma redução no preço do gás. Ela pontua que, para a indústria química, que usa gás como matéria-prima, há processos nos quais o insumo corresponde a 80% dos custos de produção. “Sempre tivemos monopólio de transporte, produção e distribuição. Mas é importante sairmos desse cenário, porque no monopólio não há preço competitivo. Nossa expectativa é ter um mercado de comercialização do gás”, declarou.



É IMPORTANTE QUE O MARCO
REGULATÓRIO EM CONSTRUÇÃO
**CONTEMPLE REGRAS PARA
QUE HAJA UMA REDUÇÃO NO
PREÇO DO GÁS**

Fátima adverte que a competitividade do preço do gás é fundamental para estimular a indústria química nacional. "A demanda por produtos químicos subiu. Mas todo crescimento que essa demanda traz para o país está sendo suprido por importações. Quando comparado com o mercado internacional, o gás que no Brasil é colocado na fábrica com custo de US\$ 12, chega à indústria por US\$ 3 a US\$ 4 nos Estados Unidos", exemplificou.

NÚCLEO DE TRABALHO DE GÁS NATURAL

O uso do gás como matéria-prima é um dos temas discutidos no núcleo de trabalho de Gás Natural do Conselho Empresarial de Petróleo e Gás do Sistema FIRJAN. O objetivo é criar um plano de ação para o segmento a partir de sugestões apresentadas pelos representantes empresariais. Luiz César Caetano, presidente da Representação Regional FIRJAN/CIRJ no Leste Fluminense, defende que a iniciativa da Federação apresenta uma contribuição importante para fortalecer o mercado em âmbitos estadual e nacional.

"É uma ação que coloca a FIRJAN como a principal interlocutora e protagonista importante na defesa de interesses dos consumidores industriais de gás natural", pontuou o empresário, que também preside o Sindicato da Indústria da Refinação e Moagem de Sal do Estado do Rio de Janeiro (Sindisal).

Caetano também avalia a quebra do monopólio como um entrave a ser superado para o desenvolvimento do segmento: "Isso permitirá atrair novos players na criação de um mercado dinâmico, competitivo, líquido e sustentável de gás natural".

Renata Cavalcanti, especialista do Conselho Empresarial de Petróleo e Gás da FIRJAN, explica que o grupo de trabalho tem como foco a agenda do Gás Para Crescer, que deverá facilitar a entrada de mais atores no segmento, atendendo ao pleito do setor produtivo. "Com essa abertura teremos, finalmente, preço formado por oferta e demanda. Atualmente ele é composto a partir do custo", disse.

+ NEGÓCIOS

+ INOVAÇÃO

+ COMPETITIVIDADE

**COM O SISTEMA FIRJAN,
O MERCADO DE PETRÓLEO
E GÁS PODE MAIS.**

PRODUTOS E SERVIÇOS PARA TORNAR SUA EMPRESA MAIS COMPETITIVA.

- Educação, tecnologia e inovação
- Saúde, meio ambiente e segurança do trabalho
- Acesso a mercado e muito mais

Saiba mais em: www.firjan.com.br/petroleoegas

Agende o Circuito SENAI e faça visitas guiadas aos nossos institutos: petroleo.gas@firjan.com.br

Conte com a nossa infraestrutura

INSTITUTOS
SENAI DE
TECNOLOGIA

INSTITUTO
SENAI DE
INOVAÇÃO EM
QUÍMICA VERDE

CENTRO DE
INOVAÇÃO SESI
EM HIGIENE
OCUPACIONAL

Associe-se ao Sistema FIRJAN e aproveite os benefícios.



www.firjan.com.br

Sistema
FIRJAN



INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.



C A P A

OS CAMINHOS PARA UM NOVO MERCADO DE PETRÓLEO E GÁS

6

Instrumento utilizado pelos governos para fomentar setores estratégicos da economia, a industrialização é um fator-chave para alavancar a competitividade e a inserção global do mercado de petróleo e gás brasileiro. Diante de um novo contexto, de maior abertura a investidores privados e de retorno do calendário de leilões, o segmento vive boas perspectivas para a sua retomada.

De acordo com Márcio Félix, secretário de Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia (MME), o país está inaugurando uma nova fase para a indústria de petróleo, que passa a ser visto como fonte importante para inovação de outros setores.

“As empresas de petróleo e os fornecedores instalados no Brasil devem ter um fórum de articulação permanente de modo a fazer frente aos desafios em comum. Com isso, devem nascer novos programas de desenvolvimento de fornecedores. Alianças estratégicas de longo prazo devem ser estabelecidas, visando atender, de maneira ordenada e sustentável, as demandas que se tornarão crescentes e pujantes por bens e serviços”, defende.

Uma das iniciativas desenvolvidas para fortalecer a industrialização é o Programa de Estímulo

à Competitividade da Cadeia Produtiva, ao Desenvolvimento e ao Aprimoramento de Fornecedores do Setor de Petróleo e Gás Natural (Pedefor), composto por diferentes entidades governamentais, que esteve sob coordenação do Ministério da Indústria, Comércio Serviços (MDIC), e agora está com o Ministério de Minas e Energia (MME), atendendo à rotatividade prevista no Programa. Foi no âmbito do Pedefor, criado por

PORTO DO AÇU



NOVAS REGRAS DE CONTEÚDO LOCAL

METODOLOGIA SIMPLIFICADA

E REDUÇÃO DAS EXIGÊNCIAS
DE CONTRATAÇÃO DE BENS E
SERVIÇOS NACIONAIS

meio de decreto em 2016, que foram discutidos os novos índices de Conteúdo Local válidos para a 14ª Rodada de Licitações e para a 3ª Rodada do Pré-sal. As regras foram simplificadas, com redução das exigências de contratação de bens e serviços da indústria nacional.

Na avaliação de Telmo Ghiorzi, diretor de Vendas da Aker Solutions, o decreto que criou o Pedefor iniciou um processo de mudança que pode fortalecer os fornecedores nacionais ao estimular sua competitividade, como um dos direcionadores mais importantes de fomento à exportação.

“O programa fala em fortalecer a engenharia e em estimular a exportação, que são elementos

fundamentais para a cadeia. Quando nos voltamos para as vendas externas, existe uma pressão seletiva do mercado internacional, que forçará o mercado brasileiro a se qualificar para competir e desenvolver novas competências”, defendeu.

Ghiorzi ressalta que o primeiro desafio para a reconstrução da política industrial no país é a formação de um consenso, entre os diversos atores da cadeia, em relação ao seu conceito. “Uma vez que tenhamos esse consenso, ficará mais fácil e rápido pôr em prática as mudanças nos instrumentos de política industrial que irão transformar o mercado. É preciso que perguntemos o que queremos que seja essa industrialização”, pontuou.

Para Claudio Makarovsky, diretor de Óleo e Gás da Siemens, outro avanço necessário é uma alteração no modelo tributário do país e a maior agilidade de órgãos anuentes para facilitar investimentos. “Precisamos de uma reforma tributária e otimizar o papel dos órgãos ambientais para agirem com a devida rapidez nas liberações de licenças. Mas claro que primeiro devemos destravar os investimentos, que já estão sendo trabalhados com um calendário regular de leilões”, afirmou.

OPORTUNIDADES MAPEADAS PRÓXIMAS RODADAS

Potencial de Reservas



Fonte: Levantamento Sistema FIRJAN com dados da ANP

8

Raul Sanson, vice-presidente do Sistema FIRJAN, pontua que o Pedefor deve contemplar, em suas discussões, atores da iniciativa privada, de forma a garantir mais pluralidade e uma visão de mercado no debate de políticas para o segmento. “Nossa cadeia é dividida em três elos: investidor, representado pelas grandes companhias petrolíferas, que investem nos leilões e compram os campos; os ‘EPCistas’, que fabricam as plataformas; e os fabricantes de bens e equipamentos. A política industrial é feita pela cadeia e é preciso que ela tenha representatividade e diálogo no âmbito do Programa”, declarou.

Sanson adverte que a industrialização deve ser construída por meio de um planejamento estratégico de longo prazo, coordenado por um grupo diversificado que estabeleça quais são as deficiências que impedem as empresas nacionais de se tornarem mais competitivas e com preços internacionais. “No fundo, o que se quer é uma indústria nacional com preços em níveis globais. Estimular a cadeia de modo que ela crie asas para depois poder ganhar mais independência e até exportar”, explicou.

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, presidente da Federação, ressalta que, assim como a extensão do Repetro – regime aduaneiro especial de exportação e de importação de bens para o setor de petróleo e gás, com possibilidade de ampliação dos benefícios para os fornecedores –, uma das mudanças mais esperadas era a regulamentação da isenção do cumprimento de Conteúdo Local (*waiver*). “É uma medida que merece toda atenção para não impedir a participação da indústria nacional e não travar o desenvolvimento do país. Estamos em um momento de convergência de iniciativas e ações em prol do destravamento de investimentos no mercado de petróleo e gás”, afirmou.

Ex-diretora geral da Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (ANP), Magda Chambrind defende que ajustes na política de Conteúdo Local são parte do processo de reconstrução da indústria de petróleo e gás nacional. Segundo ela, fatores como a queda do preço internacional do barril e a crise econômica enfrentada no país geraram uma distorção que afetou a concepção original do Conteúdo Local.

"E não tem nada de errado nisso. Toda política é ajustada ao longo do tempo. Hoje vivemos o momento de perguntar se de fato temos uma política. Nisso há questões que são crucialmente importantes. Além da capacidade fabril, da aptidão e das necessidades de se formar um *cluster*, é preciso também facilitar o financiamento. A produção no Brasil é muito cara hoje, por conta do Custo Brasil", avaliou.

Magda também ressalta a construção de uma indústria exportadora como um desafio prioritário para desenvolver a cadeia brasileira. "Não existe um bem que mereça sobreviver se não puder competir em nível global. E a exportação vem nesse arcabouço do reconhecimento da competitividade como questão primordial para o segmento de petróleo. Temos, agora, que colocar isso em prática", complementou.

CONSELHO EMPRESARIAL DE PETRÓLEO E GÁS

O fortalecimento da indústria de petróleo é um dos pleitos do Mapa do Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro 2016-2025, elaborado pelo Sistema FIRJAN com a participação de mais de mil empresários, com o objetivo de transformar o estado do Rio no melhor ambiente de negócios do Brasil. Entre as mudanças recentes no mercado que respondem à ações contempladas no documento estão a definição de um calendário regular de leilões e a prorrogação e extensão do Repetro.

Instituído em 2015, o Conselho Empresarial de Petróleo e Gás do Sistema FIRJAN fortaleceu sua atuação com a divisão em núcleos de trabalho a partir de 2017. A proposta é, em reuniões periódicas, trabalhar os gargalos e temas prioritários do mercado. O ponto de partida é promover discussões entre os agentes do mercado, para elaboração de planos de ação que ajudem a superar os gargalos e barreiras identificados em cada tema. São cinco grupos divididos em Mercado e Regulação; Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (P,D&I); Gás Natural; Campos Maduros; e Downstream.

"Essa iniciativa da FIRJAN é essencial. Como representante das indústrias localizadas na região de

maior parte da produção do petróleo, cumpre seu papel de fomentar as discussões sobre o mercado.

A indústria do petróleo vai investir nos próximos anos significativamente mais do que todas as outras. Assim, o núcleo de Mercado e Regulação trabalha sobre qual o papel desse segmento e de toda a cadeia atrelada a ele e como isso se insere no estado do Rio", disse Magda.

Entre as questões tratadas no núcleo de Mercado e Regulação, estão temas como Conteúdo Local, Pedefor, engenharia nacional, financiamento, Repetro e aprimoramento do licenciamento ambiental. De acordo com Telmo Ghiorzi, um dos temas priorizados nos encontros é o nivelamento conceitual sobre política industrial, seu alcance, seus instrumentos e sua implantação prática.

"A FIRJAN, ao lado de outras instituições igualmente relevantes, pode contribuir com essa iniciativa, para transformar a dinâmica do mercado, trazendo aportes fundamentais para o melhor entendimento do contexto vivido pela indústria e formulação de recomendações para seu fortalecimento", completou.

9

AGENDA FIRJAN PETRÓLEO

**Desafios e Oportunidades
para o Mercado de Petróleo
e Gás - Visão da Operadora**
Outubro: PPSA

**Perspectivas do Gás Natural
no Rio de Janeiro 2017**
Dezembro

**Panorama da Indústria Naval
no Rio de Janeiro 2017**
Dezembro

Saiba mais: www.firjan.com.br/petroleoegas



•••••
INOVAÇÃO

ACESSO A RECURSOS DE P,D&I PELA INDÚSTRIA

10

O incentivo à Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (P,D&I) é primordial para a criação de mecanismos de aumento da produtividade, novos produtos e serviços. Uma das principais fontes de fomento é o uso dos recursos atrelados à cláusula de P,D&I dos contratos de exploração e produção de petróleo.

A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) está empenhada no aperfeiçoamento da regulamentação que trata da aplicação dos recursos para P,D&I, como parte da sua Agenda Regulatória. Segundo Boris Asrilhant, superintendente de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico da Agência, “é fundamental promover maior cooperação e integração entre empresas petrolíferas, instituições credenciadas e fornecedores, utilizando os recursos da cláusula de PD&I como oportunidade para promover o desenvolvimento e inovação tecnológica. Além disso, estamos buscando formas de otimizar os processos internos envolvidos com a cláusula de PD&I” afirmou.

A SBM Offshore, com 60 anos de experiência em soluções para embarcações, concentra hoje a maior parte das operações da frota no Brasil. “A principal demanda é por tecnologias que reduzam o custo de produção, como alternativas para transporte e monetização do gás associado, tendo em vista as poucas rotas de escoamento”,

detalha Rafael Torres, gerente de Desenvolvimento de Negócios da empresa.

O Sistema FIRJAN constituiu um Núcleo de Trabalho de P,D&I atrelado ao seu Conselho Empresarial de Petróleo e Gás para ajudar a melhorar o acesso a recursos. Entre os objetivos estão o desenvolvimento tecnológico e o aumento da participação da indústria local nos projetos de pesquisa aplicada aos desafios do mercado de petróleo.

“O Brasil é referência em águas ultraprofundas. O desenvolvimento tecnológico que podemos alcançar daqui é enorme. Temos mercado e recursos para avançar. A integração de projetos e agentes nos fará avançar mais rápido”, aponta Karine Fragoso, gerente de Petróleo, Gás e Naval do Sistema FIRJAN.

Além dos recursos da cláusula de P,D&I, existem outras fontes de fomento para empresas do mercado de petróleo e gás. No estado do Rio, uma das possibilidades é junto à Faperj.

“O estímulo ao desenvolvimento tecnológico poderia ser muito maior se as regulamentações fossem revistas com base em uma efetiva aproximação dos órgãos regulatórios às associações representativas, como a FIRJAN”, de acordo com Paulo Buarque, assessor da Presidência da Faperj.



● ● ● ● ●
MERCADO

DOWNSTREAM: POTENCIAL PARA CRESCER

O segmento de *downstream* – referente às fases de refino, transporte e comercialização de petróleo, gás e derivados – encontra-se em uma situação paradoxal. Enquanto o Brasil é exportador de quantidades crescentes de petróleo, é importador de grandes volumes de seus derivados. Além disso, embora seja esperada uma forte expansão da oferta doméstica de gás natural, a produção petroquímica permanece estagnada.

Segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), em 2016, o consumo desses derivados totalizou 135,4 milhões de m³, ou seja, 2,3 milhões de barris diários (bd). Ao mesmo tempo, a dependência externa do país alcançou 442 mil bd. Em análise da Agência, dentro de 15 anos, projetando-se a demanda de combustíveis para cenários com crescimentos variando entre 1 e 4% ao ano, estima-se que a dependência externa possa mais que dobrar, a depender da combinação de crescimentos de demanda para cada produto.

“Embora o Brasil seja um dos maiores consumidores de combustíveis no mundo, ocupando o terceiro lugar no segmento de transportes, a produção nacional não tem sido suficiente para atender à demanda”, afirmou Aurélio Amaral, diretor da ANP.

Uma das potenciais iniciativas para ajudar a reverter essa situação é a conclusão das obras do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), em Itaboraí. De acordo com Adilson de Oliveira, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), não é

viável que o petróleo e o gás natural produzidos na plataforma continental fluminense sejam transformados fora do estado.

“Fazer essas atividades dentro do Rio é essencial para a sua recuperação fiscal e redução do desemprego. O petróleo não deve ser percebido como simples fonte de royalties, mas sim como fonte de desenvolvimento industrial. Além disso, o parque universitário e industrial do Rio deverá continuar a desempenhar papel central nesse segmento com a retomada do Comperj”, destacou Oliveira.

Em julho deste ano, a Petrobras e a maior empresa integrada de P&G da China, a CNPC, formaram uma aliança estratégica. A CNPC demonstra interesse em investir e aumentar suas atividades no Brasil. A partir desta parceria, as empresas se comprometeram a avaliar oportunidades no Brasil e no exterior em áreas-chaves, sendo uma delas a conclusão do Comperj. A previsão de conclusão das obras é 2025. Desde 2013, as duas empresas já são parceiras na área de Libra, localizada no pré-sal da Bacia de Santos.

O tema é um dos principais assuntos debatidos no núcleo de trabalho de *downstream* vinculado ao Conselho Empresarial de Petróleo e Gás da FIRJAN. Para Armando Guedes, presidente do Conselho, a retomada do Comperj é atualmente a principal oportunidade do mercado de P&G, além dos leilões: “É evidente o interesse de todos os estados por uma unidade desse porte. Daí a importância em pensar alternativas para tornar o Comperj uma realidade”.

11



•••••
NEGÓCIOS

CAMPOS MADUROS PODEM DINAMIZAR O MERCADO

O mercado de P&G no Brasil conta, atualmente, com um calendário regular de licitações de blocos exploratórios *onshore* e *offshore*. A avaliação de Oswaldo Pedrosa, especialista do Conselho Empresarial de Petróleo e Gás do Sistema FIRJAN, é de que haverá novos investimentos de grandes, médias e pequenas operadoras independentes. Para ele, os campos maduros são grande oportunidade de dinamização do segmento.

12

“Em geral, campos maduros de menor porte não são atrativos para grandes empresas. Já as companhias menores conseguem ampliar a vida útil desses campos, principalmente porque operam com estruturas de custo mais enxutas”, analisou Pedrosa. As oportunidades nesse segmento, segundo o especialista, estão concentradas no plano de desinvestimento da Petrobras e na concessão de sete conjuntos de campos em águas rasas, estendendo-se do litoral de São Paulo ao Ceará.

Como os campos maduros exigem menor investimento, o fornecimento local de materiais e equipamentos é favorecido, de acordo com Claudio Tangari, presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Nova Friburgo (Sindmetal). “A indústria fluminense sempre liderou o desenvolvimento de bens e serviços para exploração, produção e distribuição de petróleo. Essas oportunidades podem

gerar empregos em nosso estado”, afirmou Tangari, que também é vice-presidente da Federação.

Para Adolpho Souza, gerente de Desenvolvimento de Negócios da Schlumberger, o sucesso das rodadas, os desinvestimentos da Petrobras e o destravamento de projetos de desenvolvimento são pilares importantes para reaquecer este mercado: “O Brasil ainda tem grande potencial de produção *onshore* por meio de aplicação de novas tecnologias”.

O Grupo Sotreq realizou investimentos, como a instalação de uma unidade de construção e montagem de equipamentos no estado do Rio, com a finalidade de desenvolver soluções integradas para seus clientes. “Temos grande oportunidade no litoral com o pré-sal, além do potencial de investimentos advindos do aumento da produção dos campos maduros do pós-sal na Bacia de Campos”, afirmou Diego Reis, gerente Comercial de Petróleo & Gás da empresa.

Para fomentar a participação das empresas fluminenses nesse novo ciclo, a FIRJAN criou um núcleo de trabalho de Campos Maduros atrelado ao Conselho Empresarial de Petróleo e Gás, que debate temas como processos de licenciamento ambiental, alternativas de garantias financeiras, incentivo a parcerias, descomissionamento, entre outros.

EXPEDIENTE

Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN): Presidente: Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira • 1º Vice-presidente: Carlos Mariani Bittencourt • 1º Vice-presidente CIRJ: Sérgio de Oliveira Duarte • 2º Vice-presidente FIRJAN: Carlos Eduardo Gross • 2º Vice-presidente CIRJ: Raul Eduardo David de Sanson. **Gerência Geral de Comunicação:** Daniela Teixeira • Ingrid Buckmann • Ilka Porto • Juliane Oliveira • Jornalista Responsável: Lorena Storani. **Gerência de Petróleo, Gás e Naval:** Karine Fragoso • Thiago Valejo • Renata van der Haagen • Fernando Montera • Heber Bispo • Iva Xavier • Verônica França. **Editada pela Insight Comunicação.** Editor Geral: Coriolano Gatto • Editora Executiva: Kelly Nascimento • Redação: Lais Napoli • Nathalia Curvelo • Revisão: Geraldo Pereira • Fotografia: Thinkstock • iStock • Fabiano Veneza • Renata Mello • Vinicius Magalhães • Projeto Gráfico: Paulo Felipe de Menezes Quintão (Sistema FIRJAN) • Design e Diagramação: Paula Barrenne • Produtor Gráfico: Ruy Saraiva • Impressão: Gráfica Printmill **Sistema FIRJAN:** Avenida Graça Aranha, 1 - CEP 20030-002 - Rio de Janeiro. Tel.: (21) 2563-4455 • petroleo.gas@firjan.com.br • www.firjan.com.br/petroleoegas